



Igualdade entre homens e mulheres

Marie Le Jars de Gournay

Tradução e nota introdutória de Clémie Ferreira Blaud¹

Marie Le Jars de Gournay (1565-1645) nasce em Paris e passa a adolescência em Gournay-sur-Aronde. Autodidata, aprende línguas e se torna leitora dos *Ensaio*s de Montaigne, a quem conhece em 1588 e mantém amizade até a morte do filósofo em 1592. Em 1594, Gournay publica *Le Promenoir de Monsieur de Montaigne*, assinando “*par sa fille d’alliance*”. A partir de 1595, incumbida pela família de Montaigne, torna-se editora dos *Ensaio*s III, dedicando-se a revisar, corrigir, traduzir citações e preparar as reedições da obra do filósofo. Ao mesmo tempo, Gournay desenvolve sua vocação literária escrevendo poemas, tratados e traduções. Em 1622, publica *Égalité des hommes et des femmes*, um discurso da razão, como ela diz, dedicado à rainha Ana da Áustria e reeditado algumas vezes, sendo a última em 1641, acrescida de novos parágrafos. A tradução que se segue é extraída do opúsculo de 1622 preservado na Bibliothèque nationale de France e disponível por meio digital². Sua relevância está no fato de que este opúsculo circulou pela Europa e autores contemporâneos à Gournay debatem a questão da mulher a partir desta primeira edição. Há pelo menos uma autora, Anna Maria van Schurman (1607-1678), com quem Gournay firma uma relação epistolar, tendo seu nome citado nos parágrafos acrescidos à última versão de *Égalité des hommes et des femmes*, publicada em 1641 como parte da coletânea de textos intitulada: *Les advis ou le presens de la demoiselle de Gournay*.

1 Bolsista Fapesp de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Possui Mestrado em Estética e Filosofia da Arte (USP). clemieblaud@gmail.com

2 Gournay, Marie Le Jars de. 1622. *Égalité des hommes et des femmes*. Paris. Data de acesso: 31 de julho de 2019. Texto digitalizado e disponível no site da Bibliothèque nationale em France: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3142288/f15.image>

Igualdade entre homens e mulheres

MDCXXII

À RAINHA³SENHORA⁴,

Aqueles que recomendaram dar um sol⁵ como divisa ao rei, vosso pai, com estas palavras “*Não há ocidente⁶ para mim*” fizeram mais do que pensavam: porque, ao representar sua grandeza, que vê quase sempre esse Príncipe dos Astros sobre algumas de suas terras sem intervalo de noite, tornaram a divisa hereditária em vossa Majestade, pressagiando vossas virtudes e, mais, a bem-aventurança dos franceses sob vossa augusta presença. Com isso quero dizer que, para vossa Majestade, Senhora, a luz das virtudes não terá ocidente e nem, conseqüentemente, a hora e a felicidade de nossos povos por elas iluminadas. Ora, como vós estais no oriente de vossa idade e de vossas virtudes juntas, SENHORA, dignai-vos ter coragem de chegar em ponto ao meio-dia tanto com uma como com as outras. Eu falo daquelas [virtudes]⁷ que só amadurecem com tempo e com cultura, pois há algumas das mais recomendáveis, dentre outras a religião, a caridade para com os pobres, a castidade e o amor conjugal, cujo meio-dia vós o encontrastes desde cedo. Mas, sem dúvida, é preciso a coragem requerida para este esforço tão grande e poderoso quanto a vossa realeza, por grande e poderosa que ela seja. Os reis são abatidos por esta desgraça: a infernal praga dos bajuladores que rastejam dentro dos palácios tornando-lhes o acesso à virtude e à perspicácia, sua guia e sua ama, infinitamente mais difícil do que aos inferiores. Eu só conheço, e vos desejo, um único meio de esperar pela chegada desses dois meio-dias [virtudes e idade] no mesmo instante – se é que agrada à V.M., atirar-se vivamente nos bons livros de prudência e de moral –; pois quanto mais cedo um príncipe elevou seu espírito com este exercício, menos se encontrou bajuladores engenhosos que ousassem querer trapaceá-lo. E, não podem, via de regra, os poderosos e os reis receberem instrução adequada a não ser dos mortos, porque os vivos estão divididos em dois lados: os tolos e os malvados, isto é, os bajuladores em questão que não sabem, nem querem, dizer o bem perto deles; e as pessoas

3 Ana da Áustria (1601-1666), esposa de Luís XVIII (1601-1643), rainha consorte da França entre 1615-1643 e rainha regente depois da morte de Luís XVIII até seu filho atingir a maioridade.

4 Manteve-se as palavras “senhora” e “majestade” escritas em maiúsculas, ou maiúscula e minúsculas, seguindo o original.

5 Gournay usa letra maiúscula em diversas palavras no decorrer do texto, como “sol, oriente, ocidente, pai, virtude, decreto, natureza, etc”; e em palavras do vocabulário religioso como “igreja, santo padre, eucaristia, batismo, redenção, paraíso, etc.” Optou-se por seguir a norma gramatical brasileira, privilegiando a letra minúscula e apontando exceções quando for o caso.

6 “Ocidente e oriente” participam do vocabulário da autora, que não dispensa os múltiplos sentidos velhice e juventude/eternidade/espaco-tempo.

7 É nosso este e todos os demais textos entre colchetes visando esclarecer o pensamento da autora.

sábias e de bem, que podem e querem, mas não o ousam. É na virtude, certamente, SENHORA, que as pessoas de vossa posição devem buscar a verdadeira alteza e a coroa das coroas: na medida em que elas têm poder e não o direito de violar as leis e a equidade; e que elas encontram tanto perigo e tanta vergonha quanto outros homens ao praticar um golpe. Assim como nos ensina um grande rei por si mesmo, que toda a glória da filha do rei está no seu interior. Qual é lá minha rudeza? Todos os outros tratam seus príncipes e reis adorando-os e louvando-os e eu ousar tratar minha Rainha pregando-lhe um sermão? Ainda assim, perdoai, SENHORA, por este meu zelo de quem morre de vontade de ouvir a França, com aplausos, gritar estas palavras “*A luz não tem ocidente para mim*”, por toda parte onde vossa MAJESTADE, novo sol de virtudes, passar; e ainda quero tirar delas, assim como espero dos seus dignos princípios, uma das mais fortes provas do tratado que ofereço aos seus pés, para defender a igualdade entre homens e mulheres. E, não somente pela grandeza única que vós adquiristes por nascimento e casamento, vós servireis de espelho ao seu sexo e de modelo de emulação aos homens, estendendo-o ainda ao universo, se vós vos elevardes ao preço e ao mérito que eu vos proponho, mas quanto mais cedo, Senhora, vós tomardes a decisão de querer luzir desse belo e precioso lume, crê-se que quem for do mesmo sexo resplandecerá no esplendor de vossos raios. Sempre vossa, Majestade,

SENHORA,

mui humilde e mui obediente serva e súdita,
GOURNAY.

Igualdade entre homens e mulheres

A maior parte daqueles que defendem a causa das mulheres, contra esta orgulhosa preferência que os homens se atribuem, devolve o troco na mesma moeda: voltando a preferência em favor delas. Eu, que evito todas as extremidades, me contento em igualá-las aos homens: a natureza se opõe a este olhar tanto de superioridade quanto de inferioridade. E eu o que digo? Que não é suficiente para algumas pessoas preferi-las ao sexo masculino, se novamente não as confinarem em uma prisão inviolável⁸ e necessária junto à roca⁹; ou mesmo à roca sozinha. No entanto, o que as pode consolar contra tal desprezo é o fato de que esse vem daqueles, dentre os homens, com os quais elas menos gostariam de se parecer: pessoas que

8 Gournay usa o termo *arrest irrefragable* e corrigi nas edições seguintes para *arrêt irrefragable*. Trata-se aqui de evocar a imagem de uma aresta, tal como era o bastão, ou vara, da roca, associando-o às “paradas” feitas de troncos onde os acusados são atados aguardando o julgamento ou execução. Optou-se por “prisão inviolável”, privilegiando a metáfora com o lugar junto à roca de fiar, pois, desde o final do século XIX, a roca deixa de ter o bastão maior, o que dificulta estabelecer associações propostas no imaginário contemporâneo.

9 A palavra *quenouille* nomeava tanto o bastão de lã como a máquina de fiar no francês do século XVII; no francês contemporâneo a roca é chamada de *rouet*, aludindo à roda de fiar.

tornariam verossímeis as acusações que podem ser vomitadas sobre o sexo feminino se dele fossem e que, em seus corações, sentem não poder recomendar a si mesmas a não ser pelo crédito do outro. Na medida em que ouvem alardear pelas ruas que as mulheres carecem de dignidade, carecem ainda de capacidade e, para alcançá-las, carecem até mesmo de temperamento e de órgãos, a eloquência deles triunfa pregando essas máximas; e quanto mais opulência em empregar belas palavras como “dignidade, capacidade, órgãos e temperamentos”, não aprendem, de outro lado, que o primeiro requisito de um homem deselegante é endossar as coisas sob a fé popular e pelo ouvir dizer. Vede como esses espíritos comparam os dois sexos: aos seus olhos, a mais alta capacidade à qual as mulheres poderiam chegar é a de se assemelharem ao comum dos homens; tão distante é imaginar que se possa dizer “uma grande mulher”, como se diz no sexo trocado “um grande homem”, quanto consentir que um homem possa ascender ao estágio de Deus. Pessoas verdadeiramente mais bravas que Hércules que derrotou apenas doze monstros em doze combates, enquanto eles, com uma só palavra, derrotam a metade do mundo. Quem acreditará, porém, que aqueles, que a si mesmos querem se elevar e se fortalecer pela fraqueza de outrem, possam se elevar e se fortalecer com suas próprias forças? E o melhor é que eles pensam estar livres de afronta ao vilipendiar esse sexo, usando de semelhante afronta ao louvar e dourar a si mesmos. Às vezes, ainda que seja um pouco injusto, eu digo tanto para o particular como para o geral: é como se a verdade de sua vanglória fosse medida e qualidade de seu descaramento. E Deus sabe que eu conheço esses alegres vangloreadores, cujas vanglórias são logo transformadas em provérbios dos mais cáusticos quanto ao desprezo às mulheres. Mas quanto aquilo que eles se declaram como tais por decreto é bom que se diga: se eles tomam por direito serem homens galantes e capacitados, por que não bestificariam as mulheres em outro decreto para por contrapeso? E se julgo bem, seja a dignidade, seja a capacidade das mulheres, eu não pretendo, a essa altura, prová-las por razões, uma vez que os opinadores poderiam debatê-las, nem por exemplos, porquanto esses são muito comuns, mas tão-somente pela autoridade do próprio Deus, dos arcobotantes de sua igreja e de grandes homens que serviram de luz ao universo. Coloquemos esses gloriosos testemunhos a frente e reservemos Deus para depois dos santos padres de sua igreja, como um tesouro para o final.

Platão, a quem ninguém reclamou o título de divino, e, conseqüentemente, Sócrates, seu porta-voz e modelo nos escritos (se é que ele¹⁰ não é também o modelo de Sócrates, seu mais divino preceptor)¹¹, à elas atribuem os mesmos direitos, faculdades e funções em suas *Repúblicas*¹² e em outras passagens. Sustentam, ainda, terem elas superado, em muitas vezes, os homens de sua pátria; pois de fato elas

10 Referindo-se a Platão.

11 Os parênteses aqui e em todo texto são da autora, indicando uma espécie de aparte, ou interrupção para comentário, no discurso oral dramático.

12 O original está no plural e em maiúscula; porém, em 1641, Gournay revisa para o singular e maiúscula, deixando mais claro tratar-se da obra de Platão.

inventaram as mais belas artes, aliás, se destacaram, ensinando com autoridade e soberania sobre todos os homens em toda sorte de perfeições e virtudes nas mais famosas cidades antigas; entre outras, Alexandria¹³, primeira cidade do Império depois de Roma. Portanto, ocorreu que esses dois filósofos, milagres da natureza, acreditaram dar mais brilho aos seus discursos de grande peso, se esses fossem pronunciados em seus livros pela boca de Diotima¹⁴ e de Aspásia¹⁵. Diotima, a quem esse último não temia chamar de sua mestra e preceptora em algumas das mais altas ciências, sendo ele o preceptor e mestre do gênero humano. Aquilo que Teodoreto¹⁶ assinala de bom grado na *Oração de Fé*, me dá a impressão que a ele pareceu justo que a opinião favorável ao sexo [feminino] fosse fortemente plausível. Depois de todos esses testemunhos de Sócrates sobre os feitos das mulheres, vê-se suficientemente que, se ele deixa escapar uma ou outra palavra no Simpósio de Xenofonte contra a prudência delas, em comparação com a dos homens, é porque ele as vê segundo a ignorância e a inexperiência nas quais elas são instruídas; ou porque, pelo menos em geral, [ele] deixa um lugar frequente e espaçoso para as exceções: algo que os disputantes em questão não entendem.

Se, pois, as senhoras chegam com menos frequência que os homens aos graus de excelência, é maravilhoso que a falta de uma boa instrução, e mesmo a afluência da má [instrução] expressa e professa, não faça o pior, de todo privando-as de chegar lá. Encontram-se mais diferenças entre os homens e elas do que entre elas e elas mesmas conforme a educação que tiveram, conforme a maneira como foram criadas em cidades e vilas, ou conforme as nações [de onde elas vêm]? E por que sua educação, ou instrução, para negócios e letras, se igual a dos homens, não preencheria este vácuo que geralmente aparece entre as cabeças dos mesmos homens e as delas? Dado que a instrução é de tal importância – tanto que um só de seus proveitos, significa o comércio¹⁷ do mundo –; abundando entre as francesas e as inglesas e faltando às italianas, seriam essas, de mais a mais¹⁸, de longe ultrapassadas por aquelas? Digo de mais a mais porque no pormenor¹⁹ as senhoras da Itália triunfam

13 Referência à Hipátia (~ 370-415 EC), filósofa, astrônoma e matemática que viveu em Alexandria.

14 Diotima, personagem de *O banquete* de Platão, apresentada como filósofa e sacerdotisa que ensina sobre o amor.

15 Aspasia, sofista grega, citada por Sócrates em *Menexenus*, mestra na arte da retórica.

16 Teodoreto de Cirro (393 - 458 EC).

17 Em francês do século XVII, assim como em português, a palavra “comércio” pode ser usada no sentido de relações de mercado e de relações sociais em geral. Gournay parece fazer uso dessa ambiguidade.

18 Gournay usa a expressão “de gros en gros” em oposição a “en détail”, valendo-se do vocabulário que vem do comércio para falar de “atacado”, “peça inteira”, “grosa” em oposição à “varejo”, “retalho” ou “pequena/miúda quantidade”, dando origem à expressão “grosso modo” em oposição ao “pormenor”.

19 Nota-se aqui que Gournay, seguindo Montaigne, nos remete à ideia de “muitos e poucos” e não de “universal e particular”, opondo as italianas ao caso de duas rainhas da França nascidas na Itália.

por vezes e de lá tomamos duas rainhas²⁰ à la *prudence*²¹, às quais a França deve muita obrigação. Por que, de fato, a instrução não conseguiria, com um golpe, preencher a distância que se vê entre os entendimentos dos homens e das mulheres, visto neste exemplo que o menos supera o mais pela presença de apenas uma de suas parcelas? Eu digo isso para comércio e conversa: o ar das italianas é mais sutil e próprio para amenizar os espíritos como também parece ser o ar dos seus homens quando confrontados, da mesma maneira, com o ar dos franceses e ingleses? Plutarco²², em seu *Tratado dos feitos virtuosos das mulheres*, sustenta que a virtude do homem e da mulher é a mesma coisa. De outra parte, Sêneca²³ publica nas *Consolações* que é preciso crer que a natureza não tratou as senhoras ingratamente, ou restringiu e encurtou suas virtudes e suas mentes mais que as virtudes e as mentes dos homens, mas, sim, que as dotou de semelhante vigor e de semelhante faculdade para todas as coisas honestas e louváveis. Vejamos, depois desses dois, o que julga outro juiz, o terceiro chefe do triunvirato da sabedoria humana e da moral em seus *Ensaio*²⁴. Parece-lhe, diz ele, sem que se saiba o porquê, que raramente se encontram mulheres dignas de comandar os homens. Não seria isso o mesmo que colocá-las uma a uma em igual contrapeso com os homens e confessar que se não as coloca todas [de uma vez] é porque teme estar errado? Se bem que ele poderia desculpar-se de sua restrição pela pobre e desgraçada instrução desse sexo. De resto, não foi esquecido de alegar e relevar, em outro lugar do seu mesmo livro, a autoridade que Platão à elas confere em sua *República*; e que Antístenes²⁵ nega qualquer diferença no talento e na virtude dos dois sexos. Quanto ao filósofo Aristóteles, tendo movido céu e terra, que eu saiba, não contradisse na íntegra a opinião que favorece às senhoras; sem dúvida, ele a confirmou ao se referir às sentenças de seu pai e avô espirituais, Sócrates e Platão, como a algo constante e fixo sob o aval de tais personagens; e, pela boca dos quais, é preciso admitir que o gênero humano inteiro e a própria razão pronunciaram o mesmo veredicto. É preciso alegar infinitos outros, antigos e modernos, de nome ilustre? Ou, entre esses últimos, Erasmo²⁶, Poliziano²⁷, Agrippa²⁸, este honesto e pertinente preceptor de cortesãos, e outros tantos famosos poetas; e assim, contrapondo-os todos juntos àqueles que desprezam o sexo feminino, tantos partidários de suas vantajosas atitude e disposição para todo ofício e todo exercício

20 Referência provável à Catherine de Médicis e Marie de Médicis.

21 Optou-se por deixar a expressão “à la *prudence*” em francês, pois Gournay refere-se à moda de soberanos prudentes, isto é, sábios, que se estende a algumas mulheres soberanas da Renascença italiana.

22 Lúcio Plutarco (46-120 EC), historiador e filósofo, escreveu entre outras obras *Tratado das virtudes das mulheres*.

23 Sêneca (4-65 EC), filostósofo estóico e autor de peças como Fedra e Medeia.

24 Referência a Montaigne, *Ensaio III* Livro III, Cap. V.

25 Antístenes (445-365 AEC), filósofo e discípulo de Sócrates.

26 Erasmo de Roterdã (1466-1536), filósofo, escreve sobre a questão das mulheres em algumas obras como *De pueris*.

27 Angelo Poliziano (1454-1494), filósofo e poeta, escreve elegias sobre a beleza e o amor feminino.

28 Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486-1535), filósofo ocultista, autor de *De la noblesse et préexcellence du sexe féminin*.

louvável e digno? As senhoras se consolam, de fato, porque estes depreciadores do mérito delas não se podem provar pessoas capazes, como todas essas mentes ilustres o são. E que um homem inteligente não dirá, ainda que ele o creia, que o mérito e a prerrogativa²⁹ do sexo feminino não chegam perto daqueles do masculino; até que, por aresto, ele tenha feito declarar todos aqueles [nomes ilustres] como estúpidos, a fim de invalidar seus testemunhos tão contrários à tal conclusão. E precisaria ele ainda declarar estúpidos os povos inteiros, até os mais hábeis, entre outros, aqueles de Esmirna³⁰. Conta Tácito³¹ que, para obter em Roma precedência de nobreza sobre seus vizinhos, alegavam esses [de Esmirna] serem descendentes ou de Tântalo, filho de Júpiter, ou de Teseu, filho caçula de Netuno, ou de uma amazona; maneira pela qual se equiparavam a esses deuses. Quanto à lei sálica³², que priva as mulheres da coroa, ela não vigora além da França. E foi inventada nos tempos de Faramundo³³ pela única razão das guerras contra o império do qual nossos pais sacudiram o jugo: sendo o sexo feminino, aparentemente, um corpo menos próprio para as armas pela necessidade de carregar e alimentar as crianças. Entretanto, é necessário ainda destacar que os pares³⁴ da França foram criados com a intenção primeira de servir como uma espécie de *personniers*³⁵ dos reis, tal como seu nome o declara. As senhoras pares de um chefe, tinham direito a assento, privilégio e voz deliberativa para tudo aquilo que os [senhores] pares tinham e do mesmo modo estendido. Como também entre os Lacedemônios³⁶: esse bravo e generoso povo consultava suas mulheres sobre todos os negócios privados e públicos. Contudo, bem serviu aos franceses encontrar na invenção das regentes, um equivalente dos reis; pois sem essa [invenção], quantos ali não teriam visto seu estado cair por terra? Hoje, nós sabemos bem dizer, com provas, qual necessidade as menoridades dos reis tinham dessa receita. Os germânicos – como diz Tácito, povos bélicos que depois de mais de duzentos anos de guerra foram mais vencedores que vencidos – ofertavam o dote às suas mulheres e não o inverso. Além disso, eles tinham nações que sempre foram governadas só por esse sexo. E quando Enéas mostra à Dido o cetro de Ilión³⁷, os escoliastas dizem

29 Gournay usa a expressão “*passe-droit*” aqui.

30 Esmirna ou Éfeso, cidade da Turquia, também é nome de uma amazona da mitologia.

31 Caio Tácito (55-120 EC), historiador, orador e político.

32 Lei sálica, código legal do séc IV ao VI, estabelece várias regras inicialmente favoráveis às mulheres, porém, ao longo dos séculos, sofre alterações que culminam com a perda de direitos de herança às mulheres.

33 Faramundo, rei mítico dos franceses, ancestral dos merovíngios, povos que habitaram regiões da França no séc. V e tinham que lutar contra o Império Romano.

34 Pares da França, senhores feudais, diretamente vassalados do rei, com privilégios e direito de voto na tomada de decisões.

35 *Personnier*: compreende-se que se trata de cargo político-administrativo de épocas longínquas, cuja função é secretariar e aconselhar o rei. Na margem do texto, Gournay anota os nomes de Hotman (1524-1590) e de Tillet (? - 1570), e escreve “*etimologie des Pairs: Histoire du Roy pour les Dames Paires*”.

36 Lacedemônia, região da Grécia na qual Esparta é a cidade mais importante.

37 Em *Eneida* de Virgílio, Dido funda Cartago e se torna sua rainha. Ao chegar em Cartago, Enéas mostra o cetro de Ilión (ou Troia) à Dido, em sinal de que ele também ocupa uma posi-

que isso provém do fato de que antigamente as filhas primogênicas, tal como era esta princesa, governavam as casas reais. Querem mais dois belos reveses à lei sálica, se é que dois reveses ela pode suportar? Em nada desprezavam às mulheres nossos antepassados gauleses, nem tampouco os cartagineses; ao serem unidos no exército de Anibal³⁸ para passar os Alpes, constituíram as mulheres gaulesas como árbitras de suas discórdias. E em várias situações, quando os homens extorquiram parte das melhores vantagens desse sexo, a desigualdade de forças corporais, mais que espirituais ou de mérito, pode facilmente ter sido a causa do furto e do sofrimento. Forças corporais são virtudes tão baixas que se a besta tem acima dela o homem, o homem tem acima de si a mulher. E se esse mesmo historiógrafo latino³⁹ nos ensina que onde reina a força são atributos para vencê-la a equidade, a probidade e a modéstia; surpreender-nos-emos que a capacidade e os méritos, em geral, sejam aqueles dados aos nossos homens e privados às mulheres.

Além disso, o animal humano não é homem nem mulher, pois os sexos foram feitos não unicamente, mas *secundum quid*⁴⁰, como fala a escolástica; o que quer dizer, somente para a procriação. A única forma e diferença deste animal consiste só na alma humana. E, se nos é permitido rir de passagem, a piada vem a calhar e nos ensinar, não há nada mais parecido com um gato na janela do que uma gata. O homem e a mulher são tão unos que se o homem é mais que a mulher, a mulher é mais que o homem. O homem⁴¹ foi criado macho e fêmea, diz a escritura, contando-se esses dois como se fossem um. Por isso, Jesus Cristo é chamado filho do homem, ainda que o seja só da mulher. Assim diz depois, o grande São Basílio⁴²: – A virtude do homem e da mulher é a mesma coisa, já que Deus concedeu-lhes a mesma criação e a mesma honra ‘*masculum et foemininam fecit eos*’⁴³. Ora, naqueles cuja natureza é una e mesma, é preciso que as ações também o sejam; e que em seguida, a estima e a recompensa sejam semelhantes, onde as obras são semelhantes. Eis, pois, a afirmação desse poderoso pilar e venerável testemunho da Igreja. Não é demais lembrar o ponto do qual passaram alguns antigos ergotistas⁴⁴ até [chegarem] à estúpida arrogância de disputar com o sexo feminino a imagem de Deus como diferencial do homem: tal imagem, segundo um cálculo, eles devem à barba. Era preciso, além disso e por conseguinte, negar às mulheres a imagem do homem, não podendo ele se parecer, sem que elas se parecessem, com àquele ao qual ele se

ção de autoridade como à dela.

38 Aníbal (247-186 AEC), estrategista militar cartaginês, ilustre por usar mais a razão do que a força e conduzir suas tropas pelo difícil desfiladeiro dos Alpes.

39 Trata-se de Tito Lívio.

40 Referência à expressão latina *dicto secundum quid ad dictum simpliciter*, traduzida correntemente por “da asserção qualificada para a não-qualificada”, ou como “falácia do acidente”.

41 “Homem” na acepção de ser humano.

42 Supõe-se tratar-se de Basílio de Cesareia (329-379 EC).

43 Referência à Gênesis 1:27, onde diz “*masculino e feminino os fez*”.

44 Aquele que tem mania exagerada de uso de silogismos e sofismas nas argumentações.

parece⁴⁵. Deus mesmo, indiferentemente, repartiu os dons da profecia com elas⁴⁶ e com os homens; e as constituiu também por juízas, instrutoras e condutoras de seu fiel povo na paz e na guerra. E as fez triunfantes de grandes vitórias, que elas próprias, muitas vezes, conduziram e conquistaram em diversos lugares do mundo. Mas sobre quem, segundo vós? Ciro e Teseu⁴⁷. A esses dois acrescentai Hércules, pois se elas não o venceram, ao menos bem bateram. Assim também foi a queda de Pentesileia⁴⁸, coroação da glória de Aquiles. Ouvi o que dele dizem Sêneca e Ronsard⁴⁹:

A Amazona, último temor dos gregos, ele venceu.

Pentesileia, ele lançou ao pó.

Têm elas, ademais (essa palavra por acaso), menos excelência em fé, que compreende todas as virtudes principais, do que em capacidade e em força magnânima e guerreira? Patérculo⁵⁰ nos ensina que, nas proscricções romanas, a fidelidade das crianças era nula, dos libertos pouca, das mulheres muito grande. Pois, se São Paulo, seguindo minha via de testemunhos santos, proíbe-lhes o ministério e ordena-lhes o silêncio na igreja, é evidente que isso não se deve a nenhum desprezo, mas, tão-somente, por medo de que elas comovam as tentações pela demonstração assaz clara e pública, tal como deve ser, quando ministrando e pregando, uma vez que elas têm mais graça e beleza do que os homens. Eu digo que a ausência de desprezo é evidente, pois este apóstolo fala de Tebas⁵¹ como de sua coadjutora na obra de nosso Senhor. Sem falar no grande crédito que Santa Petronila⁵² tinha com São Pedro e, por fim, no modo como Madalena é nomeada na igreja igual aos apóstolos, *par Apostolis*⁵³. Até a igreja e eles mesmos [os apóstolos] permitiram uma exceção à esta regra de silêncio para ela, que pregou por trinta anos na Baume⁵⁴ de Marselha, conforme relata toda a Provence. E se alguém impugnar esse testemunho de pregações, pergunte-lhe o que faziam as sibilas⁵⁵ senão pregar ao universo, por divina inspiração, sobre o acontecimento futuro de Jesus Cristo? Todas as antigas nações concediam o sacerdócio às mulheres e aos homens indiferentemente. E, pelo

45 Nota-se a ironia da autora no uso de parlenda aqui.

46 No exemplar de 1622, há uma nota de Gournay na margem, na qual se lê os nomes de Hulda e Débora, profetisas do Velho Testamento.

47 Referências lendárias a Ciro, morto por Tômiris, e a Teseu que lutou contra as amazonas.

48 Pentesileia, cognome “a Amazona,” ou “a Guerreira das Amazonas”, morta por Aquiles em Troia.

49 Pierre de Ronsard (1524-1585), poeta francês.

50 Patérculo (19 AEC - 31 EC), historiador latino.

51 Alusão ao mito do encontro entre São Paulo e São Lucas em Tebas, levando à conversão da cidade.

52 Santa Petronila (séc. I), virgem romana venerada, tida como filha ou discípula de São Pedro.

53 Há uma nota na margem do texto que diz: «Entre outras, no calendário dos gregos, publicado por Genebrard”, referindo-se a obra do exegeta Gilbert Générard.

54 Refere-se à Gruta de Sainte-Baume em Marselha, onde Maria Madalena teria vivido depois de ser expulsa da Palestina, segundo mitos da época.

55 Sibilas, profetisas com dom divinatório.

menos, os cristãos são forçados a consentir que elas são capazes de ministrar o sacramento do batismo. Mas, qual faculdade de distribuir os demais lhes pode ser justamente negada, se a faculdade de distribuir aquele lhes é justamente acordada? Sobre dizer que a necessidade das criancinhas moribundas tenha forçado os padres antigos a estabelecer este costume a despeito de sua vontade: ora, é certo que eles nunca teriam acreditado que a necessidade os pudesse dispensar de delitos a ponto de permitir violar e difamar a distribuição de um sacramento. Logo, concedendo esta faculdade de distribuição [do batismo] às mulheres, vê-se com clareza que só as proibiram de distribuir os outros sacramentos para manter mais ampla a autoridade dos homens, seja por ser este o sexo deles, seja a fim de que, a torto e a direita, a paz fosse mais assegurada entre os dois sexos pela fraqueza e rebaixamento de um deles. Por certo, São Jerônimo⁵⁶ escreve sabiamente a nosso propósito [quando diz] que em matéria do serviço de Deus, o espírito e a doutrina devem ser considerados, não o sexo. Sentença que se deve generalizar para permitir às senhoras, com mais forte razão, exercerem toda ação e ciência honesta; e assim seguir, também, as intenções do mesmo santo que, de sua parte, honra e recomenda fortemente o sexo delas. Mais ainda, São João, o Águia e o mais querido dos evangelistas, não desprezaria as mulheres, tampouco São Pedro, São Paulo e outros dois padres: – eu ouço⁵⁷ São Basílio⁵⁸ e São Jerônimo, pois ele, particularmente, destina à elas suas epístolas, sem falar de infinitos outros, santos ou padres, que dão semelhante destino aos seus escritos. Quanto ao feito de Judith⁵⁹, eu não me dignaria a fazer-lhe menção se fosse particular, esse é evocado a serviço do movimento e da vontade de sua autora. Também não falo de outros de mesmo calibre, apesar de serem imensos em quantidade tanto quanto são heroicos em toda sorte de qualidades, tal qual àqueles que coroam os mais ilustres homens. Eu não registro os feitos privados por medo de que eles pareçam, ao invés de vantagens e dons do sexo, frenesis de um vigor privado e especial. Mas o caso de Judith merece um lugar aqui, porque ele é tão verdadeiro quanto seu desígnio nascido no coração de uma jovem, entre tantos homens covardes e fracos de coração para tal necessidade, em tão nobre e difícil empresa. E para tal fruto, como a salvação de um povo e de uma cidade fiel à Deus, parece antes ser uma inspiração e prerrogativa divina para as mulheres, do que um ato puramente voluntário. Como também o parece ser aquele da Donzela de Orleans⁶⁰ acompanhado das mesmas circunstâncias, porém, de mais ampla e grande utilidade, se estendendo até a salvação de um grande reino e seu príncipe:

56 Jerônimo (342/3477-420 EC), escreveu epístolas destinadas às mulheres.

57 O verbo “ouvir” indica o uso de diatribe aqui; Gournay escreve como quem está pregando no púlpito e ouve alguém do público citar os nomes que se seguem.

58 Basílio de Cesareia (329/330 - 379), possível autor de uma homília sobre o martírio de Santa Julita.

59 Judith, personagem católica, é uma piedosa viúva que sai da cidade cercada e dirige-se ao acampamento do exército inimigo; com sua beleza, envolve o comandante Holofernes, embriagando-o e cortando-lhe a cabeça.

60 Donzela de Orleans, codinome de Joana D’Arc.

Esta ilustre amazona, instruída aos cuidados de Marte,
 O azar combate e os esquadrões ceifa,
 Usando dura armadura sobre os redondos seios,
 Cujos botões carmesins cintilam graciosos.
 Para coroar seu líder de louros e de glórias,
 Virgem, ela ousa afrontar os mais famosos guerreiros⁶¹.

Acrescentemos que Madalena é a única alma a quem o Redentor pronunciou estas palavras e prometeu esta augusta graça: “*em todos os lugares por onde o Evangelho for pregado, será falado de ti*”⁶². Jesus Cristo, em outro momento, declara sua mui feliz e gloriosa ressurreição primeiro às mulheres a fim de lhes designar, como diz um honrado santo⁶³ antigo, apóstolas dos próprios apóstolos e, como toda gente sabe, com uma missão expressa: “*Ide, diz ele à elas, e narraí aos apóstolos e a Pedro o que vós vistes*”⁶⁴. À vista disso, é preciso notar que ele [Jesus] manifestou a notícia de seu nascimento igualmente às mulheres e aos homens na pessoa de Ana, filha de Fanuel, que o reconheceu no mesmo instante que o bom e velho São Simeão⁶⁵. Aquele nascimento, muito antes, as chamadas sibilas já haviam profetizado sozinhas entre os gentios; excelente privilégio do sexo feminino. Quanta honra também fez às mulheres, o sonho que sobreveio à casa de Pilatos dirigindo-se [Jesus] à uma delas⁶⁶ privativamente; e [por meio dela] a todos os homens e em tão importante ocasião. E se os homens se vangloriam de Jesus Cristo ter nascido do seu sexo, responda-lhes que assim foi necessário por boa conduta: não poderia ele, sem escândalo e jovem, se misturar a toda hora do dia e da noite em meio às multidões a fim de converter, socorrer e salvar o gênero humano, caso fosse do sexo feminino, especialmente, diante da maldade dos judeus. De resto, caso alguém seja tão desenxabido a ponto de imaginar masculino ou feminino em Deus, e ainda que seu nome pareça soar masculino, nem consequentemente precisa da aceitação de um sexo, mais que do outro, para honrar a encarnação de seu filho; quem assim pensa, mostra, em plena luz do dia, que é tão mau filósofo, quanto teólogo. De outra parte, a vantagem que os homens levam pela encarnação no sexo deles, (se é que eles podem disso tirar alguma vantagem diante da necessidade dita há pouco), é compensada pela sua concepção tão preciosa no corpo de uma mulher, pela inteira perfeição desta mulher; única a carregar o título de perfeita entre todas as criaturas puramente humanas, desde a queda de nossos primeiros pais e, por sua assunção, também única em um ser humano.

61 Uma nota à margem do verso diz: “Eneida. I. alusão.”

62 Evangelho de Mateus 26:13 e de Marcos: 14: 9, a fala é dirigida à “mulher de Betânia”.

63 Refere-se a Jerônimo em *Prólogo sobre o profeta Sofonias*.

64 Evangelho de Marcos 16:7

65 Episódio bíblico relatado no Evangelho de Lucas 2: 25-38.

66 Evangelho de Mateus 27:19, a mulher de Pilatos tem um sonho e o avisa para não se envolver contra Jesus”.

Finalmente, se a escritura declarou o marido chefe da mulher, a maior injúria que o homem pode fazer é tomar essa como uma declaração de dignidade. Pois, pelos exemplos vistos, autoridades e razões apontadas neste discurso, no qual a igualdade das graças e favores de Deus para com as duas espécies, ou sexos, é provada: visto mesmo a unidade deles [dos dois sexos]; e visto que Deus pronuncia “*Os dois serão apenas um.*”⁶⁷; e pronuncia ainda “*O homem deixará pai e mãe para seguir sua mulher*”⁶⁸; mostrou-se que essa declaração é feita só pela necessidade segura de nutrir a paz no casamento. Tal necessidade requer, sem dúvida, que uma das partes ceda à outra, e o zelo das forças masculinas pode bem consentir que a submissão venha de sua parte. E tanto mais seja verdade, segundo o que alguns sustentam, que tal submissão foi imposta à mulher como castigo pelo pecado da maçã, ainda assim, isso está bem longe de concluir pela pretensa preferência de dignidade do homem. Se toda gente crer que a escritura ordenou à ela que ceda ao homem enquanto indigna de se opor a ele, vereis o absurdo que se segue: a mulher se encontraria digna de ser feita à imagem do criador, de gozar da mui santa eucaristia, dos mistérios da redenção, do paraíso e da visão, ou mesmo da possessão de Deus, mas não das vantagens e privilégios do homem. Não seria isso o mesmo que declarar o homem mais precioso e elevado que tais coisas; e assim também cometer a mais grave das blasfêmias?

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (Double Blind Review).

Recebido em 06/08/2019. Aprovado em 30/11/2020



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

67 Gênesis 1:18.

68 Gênesis 2:23.